

Repensando o capital subcultural

Rethinking subcultural capital

Sune Qvotrup Jensen

University of Aalborg, Denmark.

Tradução:

Matheus Araujo dos Santos

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Rosa Heimer

Mestra em Gênero e Políticas Sociais pela London School of Economics and Political Science (LSE).

SUBMETIDO EM: 05/09/2014

ACEITO EM: 30/09/2014

DOSSIÊ

RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir para repensar a noção de capital subcultural como cunhado por Sarah Thornton. Baseando-me em Bourdieu, defendo que o trabalho original de Thornton sobre o conceito falha por uma relutância em dedicar atenção analítica à posição social e outras variáveis sócio-estruturais dos participantes da subcultura. Com o meu trabalho de campo entre os homens jovens subprivilegiados de origem étnica não dinamarquesa como o ponto de partida, eu argumento que uma compreensão sociológica sobre a diferenciação hierárquica e intercessões entre diferentes variáveis sócio-estruturais é necessária para explicar e compreender adequadamente subculturas e capital subcultural. A relação entre a subcultura e seus arredores é melhor compreendida ao nos concentrarmos no que é apreciado dentro dela (ou seja, o capital subcultural) e, ao mesmo tempo, ao situarmos analiticamente a subcultura em termos de classe, gênero, etnia e "raça".

PALAVRAS-CHAVE: Classe; Capital cultural; Etnia; Gênero; Masculinidade; Subcultura.

ABSTRACT

The aim of this article is to contribute to the rethinking of the notion of subcultural capital as coined by Sarah Thornton. Drawing on Bourdieu, I argue that Thornton's original work on the notion is flawed by a reluctance to devote analytical attention to the social position and other socio-structural variables of the participants in the subculture. With my fieldwork among underprivileged young men of non-Danish ethnic origin as the point of departure, I reason that a sociological grasp on hierarchical differentiation and intersections between different socio-structural variables is necessary to explain and understand subcultures and subcultural capital adequately. The relation between the subculture and its surroundings is best understood by focusing on what is appreciated within the subculture (i.e. subculture capital) and at the same time analytically situating the subculture in terms of class, gender, ethnicity and 'race'.

KEYWORDS: Class, Cultural capital, Ethnicity, Gender, Masculinity, Subculture.

Eu estou a caminho da discoteca. A porta emperra, mas eu empurro forte e depois entro. Dentro, os caras estão sentados, em pé encostados nas paredes e no sofá de couro. Changiz levanta no meio do chão como se estivesse congelado no meio de um movimento. Eu imediatamente entendo que eles estão provavelmente *break-dancing*. “Vocês estão dançando break?”, pergunto. Chandiz acena, mas ao mesmo tempo ele parece se sentir um pouco desconfortável com a situação. “Vai em frente, continue”, Rasan diz do sofá de couro, e continua: “esse cara é bom”. Lisonjeado por ser aceito entre os jovens e com expectativas, eu vou até a parede. Minha expectativa, entretanto, vira confusão rapidamente: o que eu estou por assistir tem pouco a ver com *break dance*. Changiz e Erkan estão de pé de frente um para o outro. Depois de um sinal acordado de antemão, começa uma luta livre um tanto agressiva. Ninguém leva nenhum golpe, chute ou cabeçada. Mas, julgando a expressão facial dos dois lutadores, há poder e dor envolvidos no modo com o qual os dois corpos estão girando no chão. Os movimentos de imobilização duram muitos segundos, em seguida a pessoa que está agarrada embaixo consegue se torcer, se livrar, e luta para chegar ao topo. No próximo momento o emaranhado de corpos tropeça na combinação de discos do bar e na mesa do DJ, atingindo as barras de ferro montadas na base. Eles giram e lutam de tal forma que eu, por um momento, me pergunto se isso é por diversão ou se é uma luta de verdade. A audiência torce e mostra sua apreciação quando um dos lutadores faz um movimento especial rápido ou algum poderoso detalhe, jogando as mãos para o ar, num estilo “hip-hop”. “Você esta fora de si”, eu sussurro, mas ao mesmo tempo estou fascinado... A luta inteira provavelmente durou alguns minutos. Depois Birgitte [empregada do clube de jovens] interrompe a luta, entrando na sala. Ela demora tanto para abrir a porta que os dois lutadores têm tempo de se levantar do chão e ficar de pé distantes, de frente um pro outro. “O que vocês estão fazendo?”, ela pergunta. Por um curto momento há um silêncio total. Eu recompenso a confiança dos garotos não dizendo nada e olhando para o outro lado. “Vocês estão dançando *break*?”, ela pergunta. Changiz sussurra alguma coisa, quase inaudível. “Sim. A gente esta dançando *break*”, diz Rasam. “É você que está dançando *break*, Changiz?”, Birgitte pergunta. Changiz balança a cabeça. “Posso ver?”, ela continua. Changiz praticamente ignora a pergunta dela, e depois responde com um sussurro baixo, que Birgitte interpreta como não. “Vamos lá. Não tem por que se envergonhar”, ela diz com um sorriso intolerante nos lábios – e depois deixa o salão.

...

Eu sigo alguns dos garotos lá fora. Erkan senta e acende um cigarro. “Você está bem Erkan!”, Changiz diz de maneira apreciativa. Erkan sorri. Eu deixo o tempo passar.

Notas de campo 23 de setembro 2001.

O episódio citado acima vem de notas que eu fiz quando estava conduzindo meu trabalho de campo em dois clubes em uma área residencial, social e economicamente subprivilegiada, na periferia de uma província da Dinamarca. Eu estava no clube de jovens para coletar dados etnográficos sobre a cultura desenvolvida por jovens garotos subprivilegiados de origem étnica não dinamarquesa vivendo nesse bairro. Os garotos lutando tinham 15 e 16 anos de idade e a audiência entre 13 e 17.

O episódio pode ser interpretado de diversos modos, e no nível de maior senso comum nós podemos simplesmente concluir que não há nada incomum sobre garotos adolescentes lutando por diversão. No entanto, mesmo as práticas mais mundanas e

comuns do dia a dia podem, quando escrutinadas de um ponto de vista sociológico, dizer algo sobre como pessoas lidam e reagem às suas condições de vida. Portanto, esse episódio também poderia ter um significado sociológico mais profundo.

Eu argumentaria que a cena retratada é ilustrativa de algumas preocupações centrais de uma cultura jovem distinta, criada por jovens garotos social e economicamente privados, de origem étnica não dinamarquesa e que vivem em áreas residenciais subprivilegiadas. O que é exibido é uma prática corporal masculina diferenciada, levando a que a prática dos garotos seja reconhecida como “okay”. Objetivando meus dados empíricos, eu acho significativo compreender essa cultura jovem como subcultura e, portanto, conceituar esse critério de apreciação e reconhecimento presente dentro dessa cultura distinta de jovens como *capital subcultural* (Thornton, 1995).

O objetivo deste artigo é contribuir para repensar a noção de capital subcultural, a qual foi originariamente desenvolvida por Sarah Thornton no seu trabalho sobre clube de culturas britânicas. A sociologia de Pierre Bourdieu influencia o meu repensar. Eu critico o trabalho de Thornton e confronto o conceito por meio do meu próprio trabalho de campo para demonstrar que há um potencial explanatório a ser ganho se integrarmos essa noção em uma sociologia que enfatiza formas de hierarquia de diferenciação e interseções entre diferentes variáveis sócio-estruturais.

Na primeira seção eu apresento e discuto a sociologia de Bourdieu e o conceito de capital cultural. Depois me dirijo ao conceito de subcultura e discuto algumas críticas desse conceito. Na seção seguinte sigo apresentando e criticando a versão do conceito de capital subcultural de Thornton. Alguns problemas lógicos associados à relação entre campo e capital são discutidos e, em seguida, será discutido como o capital subcultural é produzido e convertido. Eu retorno à subcultura distinta criada por garotos jovens social e economicamente subprivilegiados de origem étnica não dinamarquesa, e depois concluo de maneira mais geral na última parte.

1. A SOCIOLOGIA DE BORDIEU, DIFERENCIAÇÃO HIERÁRQUICA E O CONCEITO DE CAPITAL SUBCULTURAL

Como mencionado acima, um dos objetivos deste artigo é argumentar a favor da integração da noção de capital subcultural a uma sociologia que enfatiza formas hierárquicas de diferenciação. A sociologia de Bourdieu é uma escolha lógica visto que a diferenciação hierárquica é central no seu trabalho e que a noção de capital subcultural, como cunhada por Thornton, é explicitamente inspirada nele.

Do meu ponto de vista, uma característica central e definidora da sociologia de Bourdieu é que ela não compreende o mundo social como relativista (Bourdieu, 2000). Entretanto, Bourdieu não é um realista; ao contrário, ele diz que construir o objeto de análise é sempre parte do processo científico e, por extensão, ele argumenta que é necessário construir objetos de uma maneira teórica que opere com conceitos estruturais “fortes”. De outro modo se tornaria impossível escrutinar poder e dominação (um objeto central no projeto intelectual de Bourdieu) e padrões empíricos seriam deixados sem explicação. Aceitar isso implica que a diferenciação vertical (hierárquica) do mundo social é importante para a análise sociológica. Portanto, analisar a sociedade contemporânea com base em suposições pós-modernas sobre a “crescente fragmentação, pluralização e individualização das formas de vida, modos de vida, subculturas e biografias individuais” (Mortensen, 2004, p. 21) é inadequado.

O conceito de capital cultural ocupa um papel central na análise de diferenciações hierárquicas de Bourdieu. Isso pode ser lido como uma tentativa de conceituar bens valorizados pela cultura legítima de uma dada sociedade. Em *Distinção* (1979), Bourdieu demonstra como preferências de gosto e estilo diferem dependendo da posição social ou de classe na sociedade, e como preferências de gosto e estilo têm consequências reais concretas, capazes de instalar e reproduzir hierarquias sociais com base em diferenças na habilidade que agentes sociais têm de dominar códigos da cultura legítima. O capital cultural pode ser corporificado como parte do *habitus*, de tal forma que o agente social terá um senso corporal e pré-reflexivo do que é apropriado e de conduta valorizada em um dado contexto (Bourdieu, 1986).

O critério do que conta como capital cultural é relativamente robusto e não pode ser suspenso por agentes que escolhem não aceitar. Eles são sempre um produto de lutas históricas anteriores, mas sua assertividade está no consenso social, o qual funciona somente com base na amnésia coletiva de lutas históricas prévias, uma amnésia desencadeada por grupos poderosos que possuem o privilégio do poder de classificar, categorizar e atribuir valor. Em outras palavras, há comumente normas compartilhadas e um critério para avaliar, independentemente de que a dada característica do agente seja atrativa ou desejável. Sob essas circunstâncias o capital cultural por ser convertido em capital simbólico – isto é, reconhecimento, status, renome ou prestígio (Callewaert, 2003).

Tendo aceitado isso, nós deveríamos notar que Bourdieu tem sido criticado por subestimar a possibilidade de subgrupos em sociedade apresentarem (relativa) autonomia (ver, por exemplo, Hall 1992; Jarvinen, 1999; Prieur, 1998; Rasmussen, 1998; Stormhoj, 2002). As críticas parecem, ao menos em parte, justificadas, mas isso não necessariamente impede que se lide com a crítica com uma sociologia inspirada em Bourdieu, a qual enfatiza formas de diferenciação hierárquica. A noção de capital subcultural poderia ajudar-nos a resolver o problema potencialmente através do reconhecimento da relativa autonomia das subculturas sem ignorar a estrutura social.

2. A EXALTADA NOÇÃO DE SUBCULTURA: DE VOLTA A TEORIA DE BIRMINGHAM?

A noção de capital subcultural pode ser compreendida como uma tentativa de integrar elementos da tradição da Escola de Birmingham/Estudos culturais com elementos da sociologia de Bourdieu. Repensar esta noção, portanto, pressupõe um olhar mais próximo do conceito de subcultura, bem como às suas críticas contemporâneas.

A primeira geração da teoria subcultural estava ligada à antiga criminologia e sociologia urbana americana. Um grande marco nesse trabalho foi *Garotos Delinquentes* (1955) de A.K. Cohen. Cohen analisa subculturas delinquentes como ‘soluções’ para os problemas de *status* relacionados com classe. A nova geração de teóricos subculturais era marxista e foi estabelecida pela Escola de Birmingham (aqui referida como CCCS), em volumes tais como *Resistência através de Rituais* (Hall e Jefferson, 1975) e *Aprendendo a Trabalhar* (Willis, 1978)¹.

Os teóricos da CCCS continuaram a entender subculturas como tentativas de “soluções”

¹ Outras contribuições importantes, como Hebdige (1979), são deixados de fora desta discussão para evitar complicar ainda mais as coisas.

simbólicas específicas para jovens de origem de classe trabalhadora. Eles enfatizaram que a classe trabalhadora tem sua própria cultura, a qual subculturas da classe trabalhadora estão relacionadas, de modo que “subculturas da classe trabalhadora são uma resposta à problemática a qual a juventude compartilha com outros membros da classe cultural de ‘país’” (Hall e Jefferson, 1975, p. 48). A posição marxista deles implicava um foco sobre problemas mais concretos e materiais do que os problemas de status – centrais para A.K. Cohen e considerado um tanto vago e “suave”. Subculturas eram percebidas como uma “resposta coletiva a experiências materiais e situadas de suas classes” (Hall e Jefferson, 1975, p. 47).

No sistema da CCCS, subculturas são interpretadas como modos específicos de responder, lidar ou resolver problemas geracionais, os quais podem ser traçados de volta à posição hierárquica de classe de pessoas jovens. Na minha leitura, esse tipo de reação é, no entanto, basicamente criativa, o que significa que é necessitada porém indeterminada pela posição de classe. A ideia de que uma subcultura é um modo criativo de lidar com as condições materiais e concretas de vida que são compartilhadas pelos seus participantes é uma hipótese metodológica e teórica crucial da CCCS. Mas como e de quais modos os jovens realmente reagem às suas condições de vida é uma questão empírica em aberto – um ponto que tem o suporte da vasta variedade de “respostas” e “soluções” subculturais bem diferentes entre a jovem classe trabalhadora inglesa analisada pela CCCS.

O sistema teórico da CCCS tem sido criticado por alguns autores. Uma crítica já presente na CCCS era que as teorias carregavam um pesado viés masculino (McRobbie & Garber, 1975). Os estudiosos da CCCS também têm sido criticados por não haver teorizado “raça” e etnia adequadamente (Gilroy, 1993).

Em um contexto nórdico, Gestur Gudmundsson (1992) criticou a CCCS por levar adiante muitas das suposições implícitas na antiga teoria subcultural, preocupada com a integração da juventude ‘desviante’ na sociedade burguesa. O autor também sustentava que a concepção de estrutura social dela era demasiado rígida e simples e que o conceito de soluções imaginadas era bastante reducionista para compreender o real potencial criativo dos sujeitos da classe jovem trabalhadora. Logo, a CCCS falhou em reconhecer as dinâmicas da criatividade cultural jovem.

Erling Bjurström (1997) criticou os estudiosos da CCCS por terem uma abordagem semiótica social estática, tendo resultado nas subculturas serem lidas como textos já escritos, e por terem privilegiado “homologias” em favor de “heterologias”. Ele também pensava que o sistema não considerava propriamente a vida vivida e os processos de estilização. De maneira importante, ele ainda criticou os pensadores da CCCS por não reconhecerem como a resistência da classe trabalhadora poderia entrelaçar-se em complexas cadeias de resistência e dominação, a qual apenas poderia ser compreendida através uma análise consideravelmente mais sensível em termos de classe, gênero, entidade e “raça” (Bjurström, 1997).

Alguns autores têm notado que a CCCS parece exagerar o valor explanatório presente na experiência da classe trabalhadora (Muggleton, 2000; Muggleton e Weinzierl, 2003). Outras críticas apontam que a CCCS tendia a ver subculturas como monolíticos culturais claramente demarcados e não encaravam com seriedade os significados subjetivos dos participantes subculturais (Muggleton, 2000; Muggleton and Weinzierl, 2003; ver também Bennet e Kahn-Harris, 2004).

A crítica, a qual eu apenas resumi breve e grosseiramente levou, de certa maneira, ao recuo da noção de subcultura. Meggleton e Weinzierl argumentam que o conceito de subcultura como foi utilizado pelos teóricos do CCCS parece inadequado para capturar “a experiência de fragmentação, fluxo e fluidez que é central para a cultura jovem contemporânea” (Meggleton e Weinzierl, 2003, p. 3). Foi ainda argumentado que a participação em subculturas foi entendida como uma questão de escolha (Muggleton, 2000).

Algumas dessas críticas parecem justificadas, na medida em que a CCCS se submeteu a uma visão marxista de diferenciação social e estrutura social primitiva e demasiadamente unidirecional, ainda que eu pense que as acusações de determinismo social são de certo modo exageradas. A crítica feminista e antirracista aponta para a importância das diferenciações sociais relacionadas a gênero, etnia e “raça”. A classe teria sido genericamente super enfatizada no sistema da CCCS em detrimento de gênero, etnia e “raça”. Além disso, eu acredito que há alguma verdade na comum hipótese sociológica de que a importância da posição de classe tem mudado, se não diminuído. Ao menos, podemos dizer que, ainda que pudesse ser sábio manter o foco na desigualdade socioeconômica “objetiva”, há provavelmente algumas mudanças no significado (inter)subjetivo de classe. Uma diferença central, quando comparada com a sociedade britânica dos anos 1960 ou 1970, analisada pela CCCS, é um aparente declínio na tradicional classe trabalhadora caracterizada pelo forte ethos coletivo do orgulho de sua classe.

Tendo dito isso, eu acredito que o conceito de classe poderia certamente influenciar uma análise subcultural também em casos onde subculturas cruzam empiricamente os limites de classe. É possível que o que é percebido do lado de fora como sendo a mesma subcultura poderia ter significados e funções bastante diferentes para jovens de contextos sociais diferentes dentro desta subcultura e, como consequência, eles podem não valorizar as diversas formas de capital subcultural da mesma maneira. Por exemplo, é bem possível que garotos negros da classe trabalhadora produzam e vivam hip-hop de um modo um tanto diferente de garotos brancos de classe média, e que esses dois grupos, portanto, valorizem diferentes aspectos da mesma subcultura. Em outras palavras, pode ser que classe, em complexas interseções com outros fatores socioculturais relevantes, desempenhe um papel diferente dentro de subculturas².

Eu acho que a crítica da ênfase da CCCS na classe tem sido importante e necessária, mas eu me preocupo com as consequências que a última crítica (Muggleton, Muggleton e Weinzierl, Bennett e Kahn-Harris, entre outros) pode desencadear no estudo da subcultura da juventude contemporânea quando levada ao seu limite. Minha preocupação é esta: quais perguntas não serão perguntadas se adotarmos uma teoria sobre jovens e subcultura pós-Birmingham enfatizando escolha e axiomáticamente assumindo que o contexto social perdeu seu valor explicativo na sociedade contemporânea da modernidade-tardia ou pós-moderna? Meu ponto é que isso não representa um

² Analisando minha própria experiência juventude ocorreu-me que, por exemplo, o *hip-hop* dinamarquês foi etnicamente segregado por muitos anos, com meninos de minorias étnicas se especializando em *break dance* e meninos com maior *background* étnico (Danes) sendo DJs, fazendo rap e grafitando. Tendo eu participado, me lembro que nós, os *b-boys* dinamarqueses, tivemos muito pouco contato com os *break dancers*. Essa segregação foi altamente relacionada com classe e espaço geográfico, pois os *break dancers* tendiam a vir de famílias economicamente menos privilegiadas do que os *b-boys* dinamarqueses, e viver em outras partes menos atraentes da cidade. Na cidade onde eu morava costumávamos ridicularizar os *hip hoppers* não dinamarqueses, chamando-os de “tripulação McDonald’s” (eles costumavam se encontrar em frente ao McDonalds, na praça da cidade) e zombando de seu gosto musical (eles ouviram 2pac). Também deve ser notado que nenhuma menina jamais foi autorizada a ocupar posições importantes nesse mundo.

passo à frente se o conceito de subcultura é “jogado fora com a água da bacia” ou separado de uma análise estrutural do mundo social. Esta crítica, nomeadamente esta que os teóricos da CCCS enfatizaram a classe de maneira exagerada, é justificada e não deveria levar-nos a sub enfatizar classe ou posição social. Ao contrário, deveríamos reconstruir classe como uma fator sócio-estrutural relevante junto a outras variáveis como gênero, etnicidade e “raça” e examinar como esses fatores cruzam ou se interconectam de maneira complexa e como isso está relacionado a subculturas e capital subcultural (Carrington e Wilson, 2004). O argumento é que pessoas jovens que tomam parte em uma subcultura são situadas não somente nesta, mas também em um mundo social mais abrangente. Portanto, compreender a relação entre posição subcultural e posição social é necessário para uma adequada análise das subculturas. Voltando a um dos objetivos do artigo, integrar a noção de capital subcultural na sociologia que enfatiza formas hierárquicas de diferenciação, poderia ser dito que, entendido dentro de tal tradição sociológica, o termo “subcultura” implica que a sociedade é organizada hierarquicamente, e que subculturas são subordinadas e em muitas ocasiões são também oprimidas e dominadas (Bay e Drotner, 1986; Bjurström, 1997). Logo, eu argumento a partir de uma definição que entende subculturas como distintiva e culturalmente diferentes em termos de estilo, normas, valores etc., e que ao mesmo tempo – e igualmente importante – entende subculturas como coletividades de pessoas as quais estão de um modo ou de outro subprivilegiadas ou mesmo oprimidas. Seguindo Gudmundsson, eu manteria ainda que subculturas sejam uma reação às condições de vida de pessoas, elas não podem ser reduzidas a um automatismo previsível, porque elas são “respostas” (1992) criativas. A subcultura se associa à criatividade genuína em distintas coletividades culturais, mas simultaneamente se relaciona e lida simbolicamente com difíceis condições de vida. A teoria da subcultura trata basicamente sobre como pessoas em posições sociais subprivilegiadas criam cultura quando tentam resolver, lidar, ou “responder” problemas compartilhados. Estas duas definições dimensionais levam em conta autonomia e dominação, cultura e estrutura, isto é, apontam para as condições sob as quais autonomia é exercida. A noção de capital subcultural pode ajudar-nos a entender esse jogo entre estrutura e cultura, relacionando os tipos de capital subcultural “encontrados” em várias subculturas com interseções entre a posição social, gênero, etnicidade e “raça” dos participantes na subcultura.

3. CONSAGRANDO A FANTASIA DA AUSÊNCIA DE CLASSE – A CRÍTICA DO CAPITAL SUBCULTURAL NA VERSÃO DE THORNTON

Sarah Thornton (1995) desenvolveu originariamente a noção de capital subcultural. Sua pesquisa focava na subcultura que emergiu na Grã-Bretanha com respeito às grandes festas de dança (raves) e relacionada a estilos musicais, *techno* e *house*, incluindo vários subgêneros. Thornton designou esta subcultura como “club culture”. Ela estava interessada em trazer à tona os mecanismos de construção de significado – os quais permitem os participantes da subcultura a verem eles mesmos como “underground” e “hip” –, e em investigar a hierarquia dentro da subcultura. Para compreender estas questões Thornton baseou-se explicitamente, se não ecleticamente, no trabalho de Bourdieu em *Distinção* (1995 [1979]).

De acordo com Thornton, os participantes da subcultura se diferenciam de si próprios e outros jovens na medida em que possuem capital subcultural. Capital subcultural consiste em artefatos e conhecimento, os quais dentro de uma subcultura específica são reconhecidos como de bom gosto, “hip” e sofisticados. Funciona quase da mesma

forma distintiva que capital cultural, permitindo o possuidor a enxergar a si mesmo de forma distinta e a ser visto de forma distinta por outros participantes relevantes da subcultura. O processo inclui construir o binário simbólico *underground versus mainstream*. Isto significa que no processo diferenciador os participantes da subcultura constroem um “outro imaginário” – nomeadamente um imaginário “mainstream” – contra o qual eles podem se diferenciar. Thornton nota que, ainda que compreender esse processo seja importante, a construção do “mainstream” é completamente arbitrária, e, portanto juventude ou pesquisadores subculturais não devem adotar a distinção entre *underground* e *mainstream* como a CCCS e seus seguidores frequentemente o fizeram. Seus escritos ainda giram em torno de como os participantes do *club culture* chegam a ver a si mesmos como autênticos (em oposição ao falso/cópia ou *mainstream*) e como eles tentam evitar “vender”. Os escritos de Thornton iluminam a maneira com que uma cultura jovem exclusiva e distinta constantemente tenta evitar a ameaça de popularização sempre presente. Seguindo Thornton, eu uso o termo capital subcultural neste texto com referência a características, estilos, conhecimento e formas práticas que são recompensadas com reconhecimento, admiração, status ou prestígio dentro de uma subcultura.

Baseando-se no conceito de capital subcultural, Thornton tem gerado importantes contribuições, ainda que haja algo um tanto preocupante a respeito de seu trabalho. Dado que a sua fonte de inspiração principal é Bourdieu, parece um tanto ilógico que sua análise não diga mais sobre a relação entre hierarquias subculturais e as hierarquias sociais da sociedade em geral (Carrington e Wilson, 2004). Thornton não foca na possível relação entre como agentes são posicionados no espaço social e sua habilidade de exercer classificações de poder na subcultura. Ela poderia, portanto, ser criticada por não focar em aspectos do mundo social centrais no trabalho de Bourdieu: relações entre posições sociais, dominação, hierarquias diferenciadoras e a distribuição desigual de poder de categorizar e classificar. Em outras palavras, dado o ponto de partida de Thornton e Bourdieu, poderia ser argumentado que no processo de análise ela na verdade abandona Bourdieu.

No entanto, há certas implicações relacionadas ao trabalho de Thornton, as quais ela poderia ter dado mais atenção analítica. Uma delas é que “raves têm demografias diferentes – majoritariamente branca, classe trabalhadora, heterossexual e dominadas por rapazes” (Thornton, 1995, p. 25); homens negros são frequentemente excluídos. Outra questão é que quando se fala de “mainstream”, as pessoas do clube usam como metáfora “Sharons e Traceys com suas bolsas de mão” (Thornton, 1995, p. 98-105). Isso poderia, como Thornton coloca, ser lido como uma metáfora para mulheres “respeitáveis da classe trabalhadora”, e a bolsa de mão poderia simbolizar a “algema social e financeira da dona de casa” (Thornton, 1995, p. 101). A distinção da subcultura é, de acordo com Thornton, baseada na ridicularização de mulheres da classe trabalhadora. Em outras palavras, alguma atenção foi dada às diferenças de gênero enquanto que a classe, na minha visão, é tratada de uma maneira menos adequada: nós somos ditos que dentro da *club culture* a “fantasia de não ter classe” (Thornton, 1995) persiste e que se questões sobre trabalho são perguntadas nas conversas no clube seria considerado um insulto. Isso implica que dentro do auto-entendimento dos participantes da *club culture*, classe é percebida como irrelevante e/ou que as pessoas jovens estão interessadas em evitar serem categorizadas por classe. De certa forma, Thornton parece na verdade aceitar isto como premissa de uma ausência de classe visto que ela vê a juventude como um período de lazer, na qual a maioria das pessoas jovens são “isen-

tas de comprometimentos adultos relacionados à acumulação de capital econômico” (Thornton, 1995, p. 130). Ela nos diz que classe “não se correlaciona de nenhum modo com níveis de capital cultural jovem” (Thornton, 1995, p. 12), e que “capital subcultural é a peça de uma hierarquia alternativa dentro da qual os eixos de idade, gênero, sexualidade e raça são todos empregados para manter as determinações de classe, renda e ocupação a margem” (Thornton, 1995, p. 105).

Há algo peculiar sobre essas declarações. Thornton parece interessada em desconstruir uma ideologia subcultural, a distinção entre o autêntico versus comum, mas ao fazê-lo ela tende a aceitar outra ideologia subcultural: a negação de classe dentro de subculturas. Seu trabalho direciona atenção analítica primeiramente a hierarquias intrasubculturais e não considera de quais posições no espaço social os participantes da subcultura são recrutados, e o que isso significa para a relação entre subcultura e “mainstream” (para seu poder de categorizar outros como “mainstream”), e para a hierarquia intrasubcultural (para a definição de participantes do que deveria e não deveria ser aceito como capital subcultural legítimo). Ao mesmo tempo, entretanto, Thornton nota que “capital subcultural pareceria ser uma moeda que se correlaciona e legitima status desiguais” (Thornton, 1995, p. 104, ver também p. 166). Nesse caso, deveríamos perguntar se classe, gênero, etnia e “raça” não se intersectam de maneiras complexas e interconectadas que torna um tanto sem significado focar em gênero ao invés de classe? Não são Sharon e Tracey da classe trabalhadora e mulheres? Gênero não é sempre vivido em um modo classista (e vice-versa)? Sociólogos trabalhando na tradição de Bourdieu enfatizam que tais interseções são importantes, implicando que nem classe e nem gênero podem ser deixados de fora do quadro (Prieur, 1998; Skeggs, 1997).

Usando a importância das interseções de gênero e classe (com “raça” e etnia) como ponto de partida analítico, Thornton poderia potencialmente ter gerado importantes contribuições sobre a relação entre diferenciação social de forma geral, diferenciação intrasubcultural e hierarquia. Este potencial, entretanto, não foi nunca completamente realizado porque Thornton aceita a “fantasia da ausência de classe” e, portanto, não inclui uma séria investigação empírica de classe em sua pesquisa. Logo, um importante elemento da complexa interseção de classe, gênero, etnicidade e raça é deixado de fora.

A crítica a Thornton é relevante para além de seu próprio trabalho, porque a noção de capital subcultural teve considerável impacto como uma comum ferramenta para investigação contemporânea sobre juventude e subcultura. Eu acredito que o impacto foi justificado. É importante ter uma noção de capital subcultural, porque isso direciona nossa atenção em direção ao critério de reconhecimento em subculturas. Tal critério é central para a análise subcultural simplesmente porque reconhecimento é central para a vida social (discutido a seguir). A crítica, no entanto, implica que a noção de capital subcultural deveria ser repensada de tal forma a possibilitar a compreensão da relação entre reconhecimento subcultural, diferenças sócio-estruturais centrais e formas de poder. Na medida em que o trabalho de Thornton pode ser pensado como uma crítica ao sistema da CCCS, minhas observações podem ser pensadas como uma crítica à crítica ao CCCS.

Meu argumento é que a subcultura precisa ser entendida e explicada por meio de uma abordagem que enfatize poder e hierarquia social, nomeadamente interpretada à luz da posição social dos participantes, bem como seu gênero, etnia, “raça” etc. Para

desenvolver o conceito de capital subcultural ainda mais, devemos, portanto, focar no entendimento da relação entre subculturas e a posição sócio-estrutural dos participantes, o que significa entender a relação entre posições fora e dentro da subcultura. Compreender essa relação não necessariamente implica pensar em termos de homologia, causalidade única ou determinismo, mas, ao menos poderíamos dizer que certamente não é coincidência que participantes subculturais fazem o que eles fazem por conta de suas condições de vida.

Parece haver uma relação que poderia ser compreendida por meio do que Bourdieu escreveu sobre entendimento sociológico. De acordo com Bourdieu (1999), para entender um agente social e sua práxis de uma maneira sociologicamente adequada devemos, ao mesmo tempo, localizar e situar sua perspectiva no espaço de pontos de vista. Finalmente, isso implica entender seus atos e palavras como “necessários”; isto é, ainda que não completamente determinado, é óbvio, lógico e, de certa forma, praticamente racional que o agente faz o que ele faz dada suas condições sociais (Bourdieu, 1999; Callewaer, 1998). Para uma compreensão completa também temos que explicar, podemos até mesmo estabelecer que “compreender e explicar são uma coisa só” (Bourdieu, 1999, p. 613). Consequentemente a informação etnográfica se torna sociologicamente significativa apenas quando ela é objetificada, utilizando uma (re)construção analítica das condições sociais às quais torna a subcultura possível e necessária, de certa maneira indeterminada e prática.

Se combinarmos os escritos de Bourdieu sobre o entendimento e a crítica que fiz à Thornton, poderia ser argumentado que as características específicas, artefatos e áreas de conhecimento que os participantes em uma subcultura consideram capital, deveriam ser analisados relacionando capital subcultural à posição social, gênero, etnia e “raça” dos participantes. Eu sugiro que, olhando de perto o que é apreciado em uma subcultura e ao mesmo tempo situando estes diferentes resultados em termos de diferenças sócio-estruturais, é possível analisar interseções entre diferentes variáveis sócio-estruturais ou formas de poder dentro de subculturas e, desse modo, desenvolver uma análise de subculturas mais adequada e relativamente autônoma. Na minha visão, a noção de capital subcultural pode se tornar uma ferramenta para entender subculturas jovens dadas essas modificações.

4. CAPITAL SUBCULTURAL, CAMPOS E GRUPOS

Ao utilizarmos a noção de capital subcultural obtemos a capacidade analítica de reconstruir os critérios de reconhecimento ou valorização presentes em dada subcultura. No entanto, deve-se ressaltar que dentro da sociologia de Bourdieu a existência de um capital implica na existência de um campo relativamente autônomo dentro do qual este capital específico pode ser válido. Ao mesmo tempo, o campo está estendido e estruturado pelas relações entre posições sociais constituídas por diferentes volumes e composições de capital (Bourdieu, 1997; Bourdieu e Wacquant, 1992). Logicamente, então, apontar para um capital dentro de uma subcultura implica no fato de que a subcultura poderia ser concebida como um campo (ver também Bjurström, 1997; Bolin, 1999). Bourdieu propõe três critérios para determinar quando é apropriado falar de um campo³:

1. Deve ser possível apontar agentes diferenciados posicionados em relações (de poder) relativamente estáveis entre si.

³ Sou grato a Annick Prieur por me ajudar a esclarecer estes critérios.

2. O campo deve ter certa autonomia.

3. Deve ser possível demonstrar a existência de – ou talvez, mais precisamente, demonstrar o efeito da existência de – uma forma de capital que é específica para o campo.

É, porém, questionável se as subculturas podem ser pensadas significativamente como formações sociais hierárquicas relativamente estáveis. Talvez seja possível falar em hierarquias subculturais, mas estas provavelmente não são relativamente estáveis. Não é um problema em si que as posições sejam ocupadas sucessivamente por diferentes agentes reais, contanto que elas estejam em uma relação relativamente estável umas com as outras; mas mesmo com esta reserva ainda acho questionável se subculturas podem ser teorizadas como campos. Essa objeção é crucial se aceitarmos a importância da premissa básica de Bourdieu de que o campo e o capital implicam reciprocamente um no outro. No entanto, eu diria que à noção de campo não deve ser atribuída um estatuto que não o de uma ferramenta analítica. Podemos, portanto, lidar com este problema simplesmente argumentando que as subculturas podem ser pensadas como semi ou quase campos, campos experimentais, campos em construção, campos embrionários (Bjurström, 1997; Bolin, 1999, 1998) ou campos semiautônomos (Bjurström, 1997). Estes campos subculturais podem consistir, em alguns casos, em pessoas que nunca se encontraram pessoalmente (comunidades de Internet etc.), o que não exclui a possibilidade do campo subcultural influenciar suas práxis. Contudo, na maioria dos casos as subculturas irão desempenhar um papel importante na interação diária porque muitas vezes consistem em redes de grupos de amigos e conhecidos que interagem na vida cotidiana.

Eu argumento que esses grupos desempenham um papel importante para a dinâmica do capital subcultural. É muitas vezes dentro de tais grupos subculturais que o valor do capital subcultural é testado. É nos olhos dos amigos e conhecidos, que calham de também serem hip hoppers, por exemplo, que o prestígio é atribuído ao DJ que acabou de conseguir um LP raro de vinil da *old school* do *hip-hop*. Isso significa que não se pode decidir individualmente que determinada característica ou habilidade deve ser considerada capital subcultural: deve existir outros que concordam, caso contrário, esses elementos não têm valor e não são capital. Esse acordo, no entanto, é sempre o resultado de disputas anteriores sobre o que é e o que não é bom gosto (Fat Joe é um bom *rapper*? A legalização do *graffiti* vale a pena? O rap *gangster* é *hip-hop*? Está tudo bem na compra de reimpressões de LPs raros de *funk*?). Essas disputas podem ocorrer dentro dos grupos, bem como entre grupos em posições diferentes dentro da mesma subcultura. Conseqüentemente o que é considerado bom gosto – sendo, portanto, capital subcultural – dentro de um grupo pode ser avaliado de forma diferente em outros, mesmo que esses outros grupos possam ser considerados como pertencentes à mesma subcultura.

Quando pensamos sobre grupos devemos notar que, de acordo com Bourdieu, agentes que estão próximos uns aos outros no espaço social têm uma chance maior de entrar em relações viáveis entre si do que os agentes que estão distantes no espaço social (Bourdieu, 1994 ; Järvinen, 2000). Há duas razões para isso. Primeiro, os agentes próximos uns dos outros no espaço social terão formas relativamente homogêneas de habitus. Eles são propensos a experimentar simpatia um pelo outro, porque são propensos a compartilhar o gosto, estilo de vida e visão de mundo em geral. Em segundo lugar, agentes da mesma área do espaço social são mais propensos a se en-

contrar porque muitas vezes vivem nos mesmos bairros (Bourdieu, 1985, 1996). Isto levanta questões empíricas sobre: se subculturas atraem pessoas de forma diferente de acordo com as diferenças sócio-estruturais ou se as pessoas geralmente se agrupam dentro de subculturas ao longo das linhas sócio-estruturais.

5. PRODUZINDO E CONVERTENDO CAPITAL SUBCULTURAL

A questão de como o capital subcultural é produzido e convertido é central para uma discussão significativa sobre as vantagens e desvantagens do conceito como uma ferramenta analítica. Eu diria que o capital subcultural é produzido pelas disputas supracitadas entre grupos ou indivíduos dentro de uma subcultura sobre o que deve ou não ser considerado “bom gosto”, ou seja, atraente ou desejável dentro dessa subcultura. Estas lutas podem resultar em um consenso de que esta ou aquela habilidade ou característica é desejável contemporaneamente – um consenso que poderia ser desfeito depois.

Movimentos e tendências em outros campos, assim como em outras subculturas, afetam esse processo. As pessoas que participam de uma subcultura muitas vezes recorrem a elementos de outras subculturas e/ou da cultura popular e atribuem a esses elementos valor subcultural por um tempo. A produção de capital subcultural muitas vezes toma a forma de uma espécie de estilização por *bricolage*, em que adotar e adaptar elementos de várias outras esferas culturais é primordial (Bjurström, 1997; Hebdige, 1979). Em outras palavras, o capital subcultural é produzido em uma interação criativa com o resto do mundo. Essa criatividade, no entanto, não tem lugar em um espaço livre de poder e dominação; pelo contrário, é uma disputa entre agentes diferenciados. Eu diria que o poder simbólico para classificar algo como capital subcultural é distribuído desigualmente dentro de subculturas, e que este poder é dependente da quantidade de capital subcultural que um agente já detém, ou seja, seu status e prestígio dentro da subcultura.

A interação com os agentes ao redor tem outros aspectos. A reação das agências vizinhas – especialmente os meios de comunicação e agências de controle social – interage diretamente com os mecanismos subculturais, o que produz o capital subcultural atribuindo status a características, traços ou artefatos específicos. A subcultura do *graffiti* pode fornecer uma ilustração de tais mecanismos. Tradicionalmente, esta subcultura girou em torno de artistas competindo ao espalhar “obras” de *graffiti* em superfícies nem sempre autorizados a serem pintadas. Pintar trens foi sempre uma ação central. Cecilie Høigaard (2002) argumenta que a proibição de grafitar algumas paredes antes legais e a vigilância pesada dos trens afetou a subcultura do *graffiti* de tal maneira que a pintura ilegal, preferencialmente feita em trens, é agora a forma mais atraente de capital subcultural, muitas vezes objectificadas na forma de fotos publicadas em diversas revistas *underground*. A reação do mundo ao redor, nesse exemplo, influenciou tensões, conflitos e lutas já presentes dentro da subcultura do *graffiti* e ajudou a produzir e a formar os critérios para o que desencadeia o prestígio, status ou reconhecimento nesta subcultura.

A questão da conversão é fundamental para o conceito de capital na obra de Bourdieu. Em seu mundo teórico, o capital é apenas capital na medida em que ele pode ser convertido em outros tipos de capital – isto é, na medida em que pode ser concebido como um recurso que pode ser utilizado em diferentes lutas ou estratégias. Estrita-

mente falando, portanto, o capital é capital se e apenas quando ele é conversível para outras formas de capital, incluindo a meta-forma, o capital simbólico. Deve, portanto, ser especificado que o capital subcultural denota o reconhecimento social e status dentro do campo subcultural e pode não ser necessariamente de muito valor simbólico de troca no mundo exterior. Bourdieu (2000) dá um exemplo disso quando assinala que, embora altamente criativa e colorida, a língua comum entre os adolescentes do Harlem é de pouco ou nenhum uso no mercado educacional ou em uma entrevista de emprego. Nesse exemplo, converter o que poderia ser chamado de um capital subcultural linguístico é uma tarefa difícil. Há, no entanto, exemplos de participantes subculturais sendo capazes de converter seu capital subcultural em carreiras e empregos convencionais, mesmo nos casos em que os observadores mais pessimistas poderiam ter considerado tal conversão altamente improvável. Artistas de *rap* foram frequentemente recrutados de ambientes subculturais fortemente desfavorecidos (como o Harlem). Na medida em que o rap pode ser uma fonte de renda econômica e reconhecimento na sociedade em geral, isso pode ser considerado como a conversão de capital subcultural criativo em emprego ou carreira. Os participantes da *club culture* têm sido capazes de conseguir emprego como artistas, *remixers* e produtores no negócio da música, como funcionários de vendas em lojas com ambientes subculturais e assim por diante (McRobbie, 1993). Da mesma forma, Høigaard (2002) descreve como grafiteiros têm sido capazes de converter seu capital subcultural (o talento para o desenho de letras, para o uso da perspectiva etc.) e encontrar empregos nos ramos das artes gráficas e da publicidade.

Embora a questão da conversão de capital subcultural seja, em última análise, empírica, é possível delinear alguns argumentos hipotéticos sobre as circunstâncias que a facilitam. Em primeiro lugar, eu diria que tais conversões são frequentemente relacionadas com lutas, mudanças e deslocamentos em outros campos, abertura de espaços que podem ser ocupados por pessoas que, por meio da sua participação em subculturas, adquiriram capital subcultural que pode, de alguma forma, ser funcional ou relevante nesses outros campos. Uma ilustração disso é a tendência dinamarquesa atual de empregar ex-delinquentes em trabalho social com jovens marginalizados semelhantes aos que eu estava investigando. Supõe-se que esses ex-delinquentes, por meio de suas trajetórias de vida em subculturas carentes e marginais, adquiriram características que lhes permitam trabalhar com a próxima geração de uma forma desejável. Isso pode ser conceituado como um exemplo de transformação de um capital subcultural encarnado, gerado em circunstâncias fortemente carentes em um plano de carreira. Pode-se argumentar que essa conversão está relacionada com deslocamentos – talvez até mesmo uma crise – no campo do trabalho social. Métodos tradicionais de trabalho social mostraram-se aparentemente inadequados ou mesmo contraproducentes em resolver o que é percebido como problemas sociais novos e até então não compreendidos e esta crise dentro do campo do trabalho social abriu um espaço para ex-delinquentes converterem seu capital e entrarem no campo. *Ex-hackers* que agora trabalham como consultores de segurança no setor de TI podem ser um exemplo paralelo.

Em segundo lugar, a possibilidade de conversão é muitas vezes relacionada ao volume e à composição de outros tipos de capital e, na medida em que estamos falando de jovens, ao volume e à composição do capital do ambiente doméstico familiar. Por exemplo, pode ser vantajoso ter um pai que se move em círculos empresariais e “conhece pessoas”, ou seja, que possui uma grande quantidade de capital econômico e so-

cial, se alguém tem planos de gerar lucros a partir da abertura de uma loja de roupas ou de discos em determinada rua com credibilidade.

Uma vez que aponte para a importância dos fatores externos e da posição social, eu também diria que a questão da conversão do capital subcultural é empírica, o que levanta questões para futuras pesquisas. Por um lado, as transições mais surpreendentes e espantosas de fato ocorrem e, portanto, o pessimismo excessivo pode estar deslocado aqui. Por outro lado, seguindo Bourdieu, parece obrigatório alertar contra a projeção do relativismo no mundo social, pois, se o fizermos, perderemos nossa compreensão da distribuição desigual do poder de atribuir valor.

6. DE VOLTA AO CAMPO: MASCULINIDADE EXPRESSIVA COMO CAPITAL SUBCULTURAL

Tendo discutido o conceito de capital subcultural tanto em relação à sociologia de Bourdieu como à tradição teórica da noção de subcultura, agora é hora de nos voltarmos ao ponto de partida empírico da nossa discussão e mostrar como repensar a ideia de capital subcultural pode nos ajudar a responder à pergunta: o que está acontecendo quando esses jovens estão lutando? O que está acontecendo em grupos de jovens de origem étnica não dinamarquesa que estão presentes e altamente visíveis na maioria das grandes cidades, principalmente nas periferias urbanas social e economicamente desfavorecidas? Como vamos construir esse fenômeno como um assunto para investigação sociológica de uma forma que rompa com “verdades” pré-concebidas do senso comum e ao mesmo tempo realize um diálogo com o campo? Podemos começar por pôr abaixo o discurso dóxico sobre o fenômeno. Em discurso popular, presume-se que esses grupos giram em torno de atividades criminosas, e que o que é percebido como sua má conduta ou delinquência tem simplesmente uma relação causal com a sua formação cultural étnica (Prieur, 1999) – que ainda está sendo racializada no atual debate público sobre as supostas patologias do “Oriente Médio” ou da cultura “muçulmana”.

Rompendo com esse entendimento dóxico do fenômeno, podemos utilizar a noção de capital subcultural e examinar como as distintas formas que podemos reconstruí-lo analiticamente ao fazer trabalho de campo nesses grupos estão relacionadas com interseções de classe, gênero, etnia e “raça”. Uma forma de compreender essa relação é salientando que estas variáveis sócio-estruturais têm impacto na vida desses jovens na forma do que poderia ser melhor descrito como o não-reconhecimento social. Conseqüentemente, podemos conceituar esses jovens como fortemente carentes de capital subcultural, e construir o objeto como sendo basicamente um problema comum de falta de reconhecimento relacionada a pelo menos quatro fatores. Em primeiro lugar, esses jovens estão sujeitos ao estigma territorial, vivendo em bairros que são rotulados por meio do discurso da mídia (Morck, 1999; Sernhede, 2001a; Vestel, 1999, 2004).

Em segundo lugar, eles são estigmatizados por causa de sua etnia e “raça”. Em terceiro lugar, eles vêm de famílias desfavorecidas social e economicamente, cujas posições no espaço social são caracterizadas por baixos volumes de capital cultural e econômico. Em quarto lugar, eles estão sujeitos a expectativas de gênero negativas relacionadas a suposições sobre a masculinidade patológica do “Oriente Médio” ou “muçulmana”. Em outras palavras, pertencer ao sexo masculino não é uma vantagem se for, ao mesmo

tempo, jovem e “muçulmano” ou negro (Alexander, 2000). Esses fatores se cruzam no que eu chamaria de não-reconhecimento brutal, uma estigmatização geral ou uma quase total falta de reconhecimento social por parte da sociedade ao redor.

Em outras palavras, esses jovens começam sem capital de qualquer valor no mercado de bens simbólicos. Esta falta está relacionada com a forma como classe, gênero, etnia e “raça” se cruzam para formar e informar a sua situação social. Construir o objeto desta forma torna possível compreender e explicar – reconstruir analiticamente – a subcultura como uma luta criativa por reconhecimento. O reconhecimento é, de acordo com Bourdieu, a nossa própria razão de viver, e em uma situação desprovida de reconhecimento temos nosso acesso à humanidade negado (Bourdieu, 2000)⁴. Podemos entender essa subcultura como uma luta para evitar tal situação, ou seja, uma luta por dignidade, uma batalha travada pelo direito de ser alguém no mundo social. São nessas premissas que os jovens formam e reproduzem uma subcultura que gira em torno de critérios alternativos para o reconhecimento, que podem ser conceituados como capital subcultural. Nessa perspectiva, torna-se possível reconstruir diferentes formas de capital subcultural nessa subcultura específica.

Com base no meu trabalho de campo, acho que é significativo ver esses grupos como girando primordialmente em torno de um sistema alternativo de valorização ou reconhecimento, uma forma distinta do capital subcultural que eu chamaria de masculinidade expressiva (Jensen, 2002). A noção de masculinidade expressiva carrega vários significados, incluindo o da masculinidade ser poderosa/“forte”, estando relacionada à cultura expressiva negra (veja abaixo), e capaz de ser interpretada como uma forma de se expressar – um comentário ou declaração sobre as condições gerais de vida desses jovens (ver também Vestel, 2004). Essa forma de capital subcultural masculino é produzido na interação com o ambiente percebido como hostil. Ela pode ser descrita como uma *bricolagem*, integrando elementos da: 1) cultura paterna, 2) ícones de masculinidade relacionada à posição social, e 3) ícones de masculinidade adotado de subgêneros do *rap* e *hip-hop*. É bem possível que esses jovens adotem noções de honra e masculinidade da “cultura étnica” de seus pais. Se o fizerem, porém, eles as adaptam, transformam e reorganizam para que se tornem significativas na situação atual dos jovens e sejam feitas para caber em uma nova subcultura genuína. Nesse processo a honra parece ser transformada em respeito e, assim, convergir com elementos da cultura negra urbana como retratada nos meios de comunicação de massa. Além disso, as formas de masculinidade que são historicamente relacionadas com as condições de vida dos trabalhadores manuais masculinos desempenham certo papel. Obviamente, seria errado afirmar que todos os homens da classe trabalhadora são, em certo sentido, machos. O ponto é que em um nível subjetivo estes jovens parecem se identificar com o ícone do *macho* ganha-pão de classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que as suas circunstâncias concretas de vida suportam e promovem essa identificação. Além disso, os ícones de masculinidade adotados a partir de variantes específicas da cultura hip-hop veiculadas pelos meios de comunicação em massa são uma parte importante da *bricolage*. Artistas da chamada costa oeste e o *rap gangster* parecem particularmente populares. Esses gêneros podem ser interpretados como dando forma simbólica a um tipo de resistência ou crítica social às

⁴ Como abordado no início do artigo, o reconhecimento é essencial para Bourdieu ao longo de sua obra, como o conceito de capital simbólico pode ser lido como uma tentativa não-existencial de compreender o que os outros têm chamado reconhecimento. Em Bourdieu (2000) o reconhecimento é discutido explicitamente. A noção é útil para compreender como aspectos importantes das condições estruturais impactam sobre a vida cotidiana das pessoas. Contribuições importantes para o complexo debate sobre o reconhecimento são Fraser (1997) e Honneth (1995).

circunstâncias da vida no gueto urbano negro, ao mesmo tempo em que muitas vezes celebram uma forma muito estereotipada de hipermasculinidade. Obviamente, nem todos os homens negros – ou nem todos os homens negros desfavorecidos na região urbana dos Estados Unidos – são hipermasculinos. Ao contrário, esta forma de masculinidade pode ser pensada como um ícone comunicado pela exposição do *hip-hop* e do *rap* popular pela mídia de massa. Esse ícone serve como um ponto de referência na vida desses jovens, ao mesmo tempo que a sua identificação é apoiada e promovida pelas circunstâncias reais de suas vidas (ver também Sernhede, 1999, 2001a, 2001b, 2002; Vestel, 2004). (É importante esclarecer que esses jovens não são *hip-hoppers* per se; antes, elementos adotados a partir do *hip-hop* são uma importante fonte de inspiração em sua subcultura genuinamente nova).

A masculinidade expressiva deve ser pensada como um estilo subcultural distinto, que pode não necessariamente ser acompanhada por uma práxis hipermasculina em direção às mulheres. Em outras palavras, esse estilo subcultural não é a verdade final ou única sobre esses jovens e não deve ser reificada ou essencializada como tal (ver também Vestel, 2001). A masculinidade expressiva está relacionada ao capital corpóreo (Wacquant, 1995). O capital corpóreo é, num sentido, muito físico: ele está relacionado com a aparência física concreta do corpo de uma forma concreta. Nessa subcultura, é crucial para o reconhecimento social e o status que os homens jovens exibam – em situações adequadas – uma forma de comportamento corporal específico, bastante concreto e relacionado à força. O capital corporal implica força, coragem e nenhum medo da dor. Ele particularmente implica ter a coragem de se levantar em defesa de seus amigos em confrontos físicos em que eles estão em desvantagem.

Com base na obra de Loïc Wacquant, Annick Prieur (1999) realizou análise importante desse tipo de capital corporal. De acordo com Prieur, esta forma de capital está relacionada com a posição do agente no espaço social, uma vez que o capital corporal constitui uma forma distinta de masculinidade com base nas possibilidades e restrições dadas pela posição social. O capital corporal é uma fonte de dignidade e reconhecimento para aqueles que não possuem um grande volume de capital econômico ou cultural (Prieur, 1999, p. 36)⁵. Eu diria que este capital corporal é basicamente relacionado à masculinidade. Em seu estudo sobre a masculinidade na Austrália contemporânea, Connell mostra como homens em diferentes posições sociais articulam masculinidades de formas distintas. Ela analisa as distintas formas de masculinidade formadas e reproduzidas por grupos de homens adultos jovens, situados em posições sociais dominadas e marginais, “masculinidades marginalizadas” (Connell, 1995). Connell entende essas formas de masculinidade como uma práxis coletiva e social, que articula uma operação conjunta por meio das condições de vida desses homens. Os jovens marginalizados se adaptam à sua posição social elevadamente exposta no mercado de trabalho por meio da formação de identidades masculinas “fortes” e coletivas. Os jovens marginais estudados por Connell afirmam a masculinidade quando eles têm muito pouca coisa a oferecer no mundo social.

Podemos nos inspirar no trabalho de Prieur e Connell e ressaltar que na subcultura a qual me dirijo aqui, os jovens subprivilegiados criam, com base em suas condições gerais de vida, uma forma distinta de masculinidade forte e expressiva, ligada a formas específicas de capitais corporais relacionadas à força, que engloba gênero, classe, etnia e “raça”. Tomar as condições gerais de vida desses jovens – em termos de dife-

⁵ Vestel aponta dados semelhantes sobre break dance como uma “forma de obter prestígio para os meninos da favela” (1999, p. 7; 2001, p. 221).

renciação hierárquica e interseções de classe, gênero, etnia e “raça” – é certamente necessária para analisar adequadamente esta subcultura e uma versão reconsiderada da noção de capital subcultural facilita tal análise.

Meu ponto é que, ao nos aproximarmos dos critérios de apreciação e reconhecimento (capital subcultural) na subcultura e, ao mesmo tempo, olharmos para as condições de vida dos participantes, podemos ter insights importantes sobre como classe, gênero, etnia e “raça” se cruzam na vida desses jovens. Se o problema que eles têm em comum está intimamente relacionado à classe, gênero, etnia e “raça” assim também é a sua maneira de lidar com isso, o que ilustra que as condições sociais da vida implicam não apenas em limitações, mas também em possibilidades e espaço para a criatividade. Poderíamos pensar essa relação em termos de um certo grau de autonomia. Eu diria que esses jovens usam seus espaços para a criatividade para enfatizar e talvez até mesmo exagerar a única característica que eles têm que pode ser transformada em uma competência: sua masculinidade⁶.

7. CONCLUSÃO: O CAPITAL SUBCULTURAL REPENSADO?

O objetivo deste artigo foi o de repensar a noção de capital subcultural integrando-o em uma sociologia que enfatiza as formas hierárquicas de diferenciação e interseções entre diferentes variáveis sócio-estruturais, tendo a subcultura criada por jovens subprivilegiados de origem étnica não dinamarquesa como um ponto de partida empírico. Na minha interpretação, esse exemplo empírico mostra que o que estamos testemunhando na Dinamarca entre certo número de homens jovens subprivilegiados de origem étnica não dinamarquesa agora poderia ser entendido de forma significativa e explicado por meio de uma análise orientada pelo conceito de capital subcultural, mas somente se este conceito for repensado de uma forma que nos permita analisá-lo em relação às interseções entre classe, gênero, etnia e “raça”. Defendo que a falta de reconhecimento desses jovens está, na verdade, relacionada em um grau muito elevado à sua classe, gênero, etnia e “raça” e que uma forma distinta de capital subcultural é parte integrante da “solução” para – ou tentativa estilística de – superar esse problema. Em outras palavras, o capital subcultural é, ao menos neste caso, genericado e de um gênero específico e, ao mesmo tempo, classificado e de classe específica, racializado e etnicizado. Tanto a etnia quanto a “raça” são filtradas por meio do gênero e da classe de formas complexas. Consequentemente, não podemos compreender o significado sociológico mais profundo envolvido quando esses jovens lutam nos clubes usando uma teoria pós-subcultural que não tenta apreender a relação entre o capital subcultural e diferenciação hierárquica geral.

A lição geral a ser aprendida com esse exemplo é que ao integrar a noção de capital subcultural em uma estrutura sociológica geral inspirada por Bourdieu – um quadro enfatizando a diferenciação hierárquica – torna-se possível construir esses fenômenos como objetos de análise sociológica de um modo que nos permite, por um lado, compreender a interação entre a forma como diversas variáveis sócio-estruturais influenciam a vida dos jovens e, por outro, como a agência é realizada. Ao mesmo tempo nos aprofundando e contextualizando o capital subcultural que “encontramos” em várias subculturas, torna-se possível apreender uma relativa autonomia. O conceito de capital subcultural é importante precisamente porque nos permite concentrar-nos nesses

⁶ Estudos têm mostrado algum nível de semelhança com outras “soluções” subculturais, como os desenvolvidos pela Cholo, uma subcultura mexicana-americana marginalizada nos EUA (Vigil; Long, 1990) e entre os porto-riquenhos em Nova Iorque (Bourgeois, 1995; 1996).

critérios subculturais de reconhecimento e, portanto, compreender a relação entre a subcultura e as circunstâncias sociais em que a subcultura é produzida e vivida.

Pensar em subculturas e em capital subcultural a partir da sociologia de Bourdieu é, portanto, completamente o oposto, em certo sentido, de pensar a subcultura em um quadro geral, o que pressupõe a quebra da sociedade de massas ou pensar na participação subcultural principalmente como uma questão de escolha. Ele não descarta a criatividade, mas entende a criatividade como socialmente situada. Obviamente, a diferenciação hierárquica e horizontal (funcional) são relevantes quando se analisa subculturas porque são algo em si, mas elas também são – e isso foi deixado de lado por pesquisadores contemporâneos – culturas subordinadas. Que sua autonomia é apenas relativa; é parte do que as torna subculturas e uma abordagem adequada para a subcultura e o capital subcultural deve refletir isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Claire E. **The Asian Gang – Ethnicity, Identity, Masculinity**. Oxford: Berg, 2000.

BAY, Joi; DROTNER, Kirsten. **Ungdom: en stil, et liv (Youth: A Style, A Life)**. Copenhagen: Tiderne skifter, 1986.

BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith (eds). **After Subculture: Critical Studies in Contemporary Youth Culture**. New York: Palgrave, 2004.

BJURSTRÖM, Erling. **Högt & lågt: Smak och stil i ungdomskulturen (High and Low: Taste and Style in the Youth Culture)**. Umeå: Boréa, 1997.

BOLIN, Göran. **Filmbytare**. Videovåld, kulturell produktion och unga män (Movie Swappers. Video Violence, Cultural Production and Young Men). Umeå: Boréa, 1998.

BOLIN, Göran. **Producing Cultures: The Construction of Forms and Contents of Contemporary Youth Cultures**, *Young* 7(1): 50-65, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **The Social Space and the Genesis of Groups**. *Theory and Society* 14(6): 723-744, 1985.

_____. **The Forms of Capital**. In: RICHARDSON, John G (ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, p. 241-58. Westport, CT: Greenwood Press, 1986.

_____. **Centrale tekster indenfor sociologi og kulturteori** (Central Texts within Sociology and Cultural Theory). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1994.

_____. **Distinksjonen** (Distinction). Oslo: Pax Forlag A/S, 1995 [1979].

_____. **Et steds betydning** (The Meaning of a Place). In: BOURDIEU, Pierre (ed.). *Symbolsk makt: artikler i utvalg* (Symbolic Power: Selected Articles), pp. 149-58. Oslo: Pax Forlag A/S, 1996.

_____. **Men hvem skabte skaberne? Interviews og forelæsninger** (But Who Created the Creators? Interviews and Lectures). Copenhagen: Akademisk Forlag A/S, 1997.

_____. **Understanding**. In: BOURDIEU, Pierre et al. (eds). *The Weight of the World: Social Suffering in Contemporary Society*, pp. 607–26. Cambridge: Polity Press, 1999.

_____. **Pascalian Meditations**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J.D. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago, IL: Polity Press, 1992.

BOURGOIS, Philippe. **In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. **In Search of Masculinity**. *British Journal of Criminology* 36(3): 412–27, 1996.

CALLEWAERT, Staf. **Bourdieu-studier II** (Bourdieu Studies II). Københavns Universitet Amager: Institut for Filosofi, Pædagogik og Retorik, 1998.

_____. **Kulturel kapital og social differentiering** (Cultural Capital and Social Differentiation). In: CALLEWAERT, Staf (ed.). *Fra Bourdieus og Foucaults verden (From the Worlds of Bourdieu and Foucault)*, p. 129–149. Copenhagen: Akademisk Forlag, 2003.

CARRINGTON, Ben; Wilson, Brian. **Dance Nations: Rethinking Youth Subcultural Theory**. In: BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith (eds) *After Subculture – Critical Studies in Contemporary Youth Culture*. New York: Palgrave, 2004.

COHEN, Albert K. **Delinquent Boys**. New York: The Free Press, 1955.

COHEN, Stanley. **Symbols of Trouble: Introduction to the Second Edition**. In: COHEN, Stanley (ed.). *Folk Devils and Moral Panics*, third edition. London: Routledge, 2002 [1987].

CONNELL, R.W. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 1995.

FRASER, Nancy. **Justice Interruptus**. New York: Routledge, 1997.

GILROY, Paul. **Between Afro-centrism and Euro-centrism: Youth Culture and the Problem of Hybridity**, *Young* 1(2): 2–12, 1993.

GUDMUNDSSON, Gestur. **Ungdomskultur – som overgang til lønarbejde** (Youth Culture – As Transition to Wage Labor). Copenhagen: Forlaget. Sociologi, 1992.

HALL, John R. **The Capital(s) of Cultures: A Nonholistic Approach to Status Situations, Class, Gender, and Ethnicity**. In: LAMONT, Michèle; FOURNIER, Marcel (eds). *Cultivating Differences: Symbolic Boundaries and the Making of Inequality*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds). **Resistance through Rituals: Youth Subcul-**

- tures in Post-war Britain.** London: Routledge, 1991 [1975].
- HEBDIGE, Dick. **Subculture: The Meaning of Style.** London: Methuen, 1979.
- HONNETH, Axel. **The Struggle for Recognition.** Cambridge: Polity Press, 1995.
- HØIGAARD, Cecilie. **Gategallerier** (Street Galleries). Oslo: Pax Forlag, 2002.
- JÄRVINEN, Margeretha. **Pierre Bourdieu on Gender and Power.** Sociologisk Rapportserie 7. Københavns Universitet: Sociologisk Institut, 1999.
- _____. **Pierre Bourdieu.** In: ANDERSEN, Heine; KASPERSEN, Lars Bo (eds.). *Klassisk og moderne samfundsteori (Classic and Modern Social Theory)*. Copenhagen: Hans Retizels Forlag, 2000.
- JENSEN, Sune Qvotrup. **De Vilde Unge I Aalborg øst** (The Wild Young People in Aalborg East). Aalborg: Aalborg Universitetsforlag, 2002.
- McROBBIE, Angela. **Shut up and Dance: Youth Culture and Changing Modes of Femininity,** *Young* 1(2): 13–31, 1993.
- McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. **Girls and Subcultures.** In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds). *Resistance through Rituals: Youth Subcultures in Post-war Britain.* London: Routledge, 1975.
- MORTENSEN, Nils. **Det paradoksale samfund** (The Paradoxical Society). Copenhagen: Hans Reitzels Forlag, 2004.
- MUGGLETON, David. **Inside Subculture: The Postmodern Meaning of Style.** Oxford: Berg, 2000.
- MUGGLETON, David; WEINZIERL, Rupert. **What is "Post-subcultural Studies" Anyway?** In: MUGGLETON, David; WEINZIERL, Rupert (eds) *The Post-Subcultures Reader.* Oxford: Berg, 2003.
- MØRCK, Yvonne. **"Faktisk er Blågårds Plads utrolig smuk" – hårde drenge på Nørrebro** (Actually Blågaards Plads is Unbelievably Beautiful – Hard Boys on Nørrebro), *Social Kritik* 11(65/66): 44–58, 1999.
- PRIEUR, Annick. **Forholdet mellem kønn og klasse med utgangspunkt i Bourdieus sosiologi** (The Relationship between Gender and Class with Bourdieu's Sociology as a Starting Point), *Sociologisk tidsskrift* 6(1–2): 131–47, 1998.
- _____. **'Maskulinitet, Kriminalitet and Etnicitet'** (Masculinity, Crime and Ethnicity), *Social Kritik* 11(65/66): 33–43, 1999.
- RASMUSSEN, Preben H. **Kultur- og klassekamp "fra oven" – eller tingsliggørelse af menneskelige relationer.** En kritik af Bourdieu (Culture- and Class-Struggle 'Top Down' – or Objectifying Human Relations. A Critique of Bourdieu). In: FREDERIKSEN, Birthe Kloch; RASMUSSEN, Palle; RASMUSSEN, Preben Horsholt (eds). *En kritik af Bourdieus sociologi (A Critique of Bourdieu's Sociology)*. Aalborg: LEO-serien nr. 20, 1998.

SERNHEDE, Ove. **Alienation is our Nation – Reality is my Nationality**. In: AMNÅ, Erik (ed.). *Det unga folkstyret (The Young Democracy)*. Stockholm: Statens offentliga utredningar, Nr. 93, 1999.

_____. **Los Angered og forstadens krigere** (Los Angered and the Warriors of the Suburbs). *Social Kritik* 13(74): 39–50, 2001a.

_____. **Svart Macho eller vit velour – Utenförskap, hip hop och maskulin-itet i Det Nya Sverige** (Black Macho or White Velour – Outsiders, Hip Hop and Masculinity in the New Sweden). In: EKENSTAM, Claes; JOHANSSON, Thomas; KUOSMANEN, Jari (eds). *Sprickor i fasaden – Manligheter i förändring: en antologi (Cracks in the Façade – Changing Masculinities: An Anthology)*. Hedemora: Gidlunds förlag, 2001b.

_____. **Alienation is My Nation**. Stockholm. Ordfront Förlag, 2002.

SKEGGS, Beverly. **Formations of Class and Gender**. London: Sage, 1997.

STORMHØJ, Christel. **Stil som social identitetsmarkør** (Style as a Marker of Social Identity), *Dansk Sociologi* 13(1): 41–55, 2002.

THORNTON, Sarah. **Club Cultures**. Cambridge: Polity Press, 1995.

VESTEL, Viggo. **Breakdance, Red Eyed Penguins, Vikings, Grunge and Straight Rock’n’roll: The Construction of Place in Musical Discourse in Rudenga, East Side Oslo**, *Young* 7(2): 4–24, 1999.

_____. **Aesthetics in the Grey Zone – Music, Dance and Style among Multicultural Youths in Rudenga, East Side Oslo**. In: GRIPSRUD, Jostein (ed.). *The Aesthetics of Popular Art*, Kulturstudier no. 19. Kristiansand: HøyskoleForlaget, 2001.

_____. “Napapijiri Geographic”, norske flagg, og “wolla”-stilen: semiotisk kreativitet blant unge menn i et flerkulturelt ungdomsmiljø på Rudenga, Oslo øst (Napa-pijiri Geographic, Norwegian flags and the ‘Wolla-style’: Semiotic Creativity among Young Men in a Multicultural Youth Milieu in Rudenga, East Oslo). In: FUGLERUD, Øivind (ed.). *Andre bilder av ‘de andre’ (Other Pictures of ‘The Others’)*. Oslo: Pax Forlag, 2004.

VIGIL, James Diego; LONG, John M. Emic and Etic Perspectives on Gang Culture: The Chicano Case. In: HUFF, C. Ronald (ed.). *Gangs in America*. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

WACQUANT, Loïc J. D. **Pugs at Work: Bodily Capital and Bodily Labour Among Professional Black Boxers**. *Body & Society* 1(1): 65–93, 1995.

WILLIS, Paul. **Learning to Labour**. Aldershot: Ashgate, 1978.



11 June 2014

Dear Professor Baviskar,

Thank you for your mail. We are happy to give you the gratis permission you seek on the following terms:

1. This permission is being given for the Portuguese language only and on a non-exclusive basis for the articles mentioned in point 3 below.
2. This permission is valid only for the one-time reproduction of the concerned article in a book presently entitled 'Revista ECO-PÓS' edited by Igor Sacramento and to be published by Post Graduate Program in Communication and Culture, Federal University of Rio de Janeiro, Brazil. This permission is not valid for the reproduction of the concerned article in any other book, or in any other form or manner.
3. This permission pertains only to the article 'Rethinking Subcultural Capital', authored by Sune Qvotrup Jensen, pages 257-276 i.e., a total of 20 pages from the journal mentioned in point 4 below.
4. You will ensure that the following notice is printed at an appropriate place in your publication in relation to the articles.

"Originally published in YOUNG, Vol. 14 No.3. Copyright 2006 © SAGE Publications and YOUNG Editorial Group. All rights reserved. Reproduced with the permission of the copyright holders and the publishers, Sage Publications India Pvt. Ltd, New Delhi."

I trust that these terms are acceptable.

We wish you all success with your publication

Yours sincerely

Neetu Kalra
Executive Editor Journals Commissioning
SAGE Publications India Pvt Ltd
B-1/I-1, Mohan Cooperative Industrial Estate
Mathura Road, Post Bag 7, New Delhi 110 044
INDIA
T: +91 (11) 4053 9222; ext: 215
F: +91 (11) 4053 9234
www.sagepub.in

SAGE Publications India Pvt. Ltd.
B-1/I-1, Mohan Cooperative, Industrial Estate,
Mathura Road, New Delhi -110044
Tel; +91-11-40539222
Fax: +91-11-40539234